

UM ARQUITETO CLÁSSICO NA MODERNIZAÇÃO DO RECIFE:

Um Cineteatro e uma Ponte de Giacomo Palumbo, 1931-1943

*A CLASSIC ARCHITECT IN RECIFE'S MODERNIZATION:
A Cinetheater and a Bridge by Giacomo Palumbo, 1932-1940*

*UN ARQUITECTO CLÁSICO EN LA MODERNIZACIÓN DE RECIFE:
Un cineteatro y una puente de Giacomo Palumbo, 1932-1940*

Karine Maria Gonçalves Cortez

Mestre em Desenvolvimento Urbano (MDU-UFPE), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) karinemgc@gmail.com

Fernando Diniz Moreira

Ph.D em Arquitetura (UPenn), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fernando.moreira@ufpe.br

RESUMO

O italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) foi o arquiteto de maior destaque atuando na cidade do Recife durante as décadas de 1920 e 1930. Legitimado por sua formação em Paris, produziu as mais importantes obras públicas e privadas deste período, seguindo um vocabulário arquitetônico clássico e eclético. Apesar da magnitude de sua obra, que se estendeu para outras cidades do Nordeste e para o Rio de Janeiro, existem grandes lacunas e omissões na historiografia da arquitetura sobre sua figura. Como recorte de uma pesquisa mais ampla que procura resgatar sua trajetória e obra no Recife, este artigo buscou analisar sua atuação a partir dos anos 1930, quando a cidade atravessava um processo de modernização com o estabelecimento de profissionais alinhados ao movimento moderno, como Luiz Nunes, e com intensas discussões urbanísticas que levaram à remodelação do centro durante o Estado Novo. Diante deste novo cenário, buscamos mostrar como Palumbo procurou se inserir na nova conjuntura, que também incluiu reviravoltas políticas, por meio da gradativa atualização de sua linguagem com a introdução de elementos do Art Déco ou pratoracionalismo, como pode ser visto na remodelação do Cineteatro Moderno no Recife, efetuada entre 1932 e 1933, e na proposta para Ponte Duarte Coelho cujo o caráter de monumental de obra arte representava a capacidade desse arquiteto em lidar com diferentes programas, estilos e funções, não deixando se inserir neste debate, adaptações às novas circunstâncias locais e referências.

PALAVRAS-CHAVE: Giacomo Palumbo; Recife; Art Déco; Arquitetura Moderna; Modernização.

ABSTRACT

The Italian Giacomo Palumbo (1891-1966) was the most prominent architect working in the city of Recife during the 1920s and 1930s. Legitimized by his training in Paris, he produced the most important public and private works of this period, following a classic and eclectic architectural vocabulary. Despite the magnitude of his work, which spread to other cities in the Northeast and to Rio de Janeiro, there are large gaps and omissions in the historiography of architecture about his figure. As part of a broader research that seeks to recover his trajectory and work in Recife, this article seeks to analyze his work from the 1930s onwards, when the city was going through a process of modernization with the establishment of professionals aligned with the modern movement, such as Luiz Nunes, and with intense urban discussions that led to the remodeling of the city center during the Estado Novo. Faced with this new scenario, we seek to show how Palumbo sought to insert himself in the new situation, which also included political upheavals, through the gradual updating of his language with the introduction of Art Deco or protoracionalism elements, as can be seen in the remodeling of the Cineteatro Moderno in Recife, carried out between 1932 and 1933, and in the 1938 proposal for Duarte Coelho Bridge, whose monumental nature of a work of art represented the architect's ability to deal with different programs, styles and functions, not allowing adaptations to new circumstances to be included in this debate. locations and references.

KEYWORDS: Giacomo Palumbo; Recife; Art Deco; Modern Architecture; Modernization.

RESUMEN

El italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) fue el arquitecto más destacado que trabajó en la ciudad de Recife durante las décadas de 1920 y 1930. Legitimado por su formación en París, produjo las obras públicas y privadas más importantes de este período, siguiendo un vocabulario arquitectónico clásico y ecléctico. A pesar de la magnitud de su obra, que se extendió a otras ciudades del Nordeste y a Río de Janeiro, existen grandes lagunas y omisiones en la historiografía de la arquitectura sobre su figura. Como parte de una investigación más amplia que busca rescatar su trayectoria y obra en Recife, este artículo buscó analizar su actuación a partir de la década de 1930, cuando la ciudad atravesaba un proceso de modernización con la constitución de profesionales alineados con el movimiento moderno, como Luiz Nunes, y con intensas discusiones urbanísticas que desembocaron en la remodelación del centro durante el Estado Novo. Ante este nuevo escenario, buscamos mostrar cómo Palumbo buscó insertarse en la nueva situación, que también incluía convulsiones políticas, a través de la paulatina actualización de su lenguaje con la introducción de elementos Art Deco o protorracionalismo, como se puede apreciar en el remodelación del Cineteatro Moderno de Recife, realizada entre 1932 y 1933, y en la propuesta del Puente Duarte Coelho, cuya monumentalidad de obra de arte representaba la capacidad del arquitecto para lidiar con diferentes programas, estilos y funciones, no permitiendo adaptaciones a nuevas circunstancias a incluir en este debate, lugares y referencias.

PALABRAS CLAVES: Giacomo Palumbo; Recife; Art Déco; Arquitectura Moderna; Modernización.

INTRODUÇÃO

Chegado no Brasil em 1917, o arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo (1891-1966) atuou na cidade do Recife durante as décadas de 1920 e 1930, tornando-se o principal protagonista de arquitetura por meio de muitas obras públicas e privadas. Nestas obras, que incluem o Grande Hotel do Recife, a Faculdade de Medicina do Recife, o Hotel Central e o Hospital Centenário, além de diversos palacetes que adornavam as áreas de expansão da cidade, ele seguia os ensinamentos herdados de sua formação clássica como arquiteto em Paris, mas buscando atender aos requisitos funcionais e aos anseios de seus clientes, o que fazia-o adicionar a esta tradição elementos do ecletismo e do neocolonial.

Entretanto, sua sorte começaria a mudar com o início da década de 1930, quando uma série de transformações de cunho modernizante iriam desestabilizar sua posição na cidade: O rearranjo político local provocado pela Revolução de 1930 levou o declínio político de alguns dos seus principais clientes, como a família Pessoa de Queiroz e o grupo do governador deposto, Estácio Coimbra; a chegada de profissionais alinhados à arquitetura moderna, como Luiz Nunes, convidado pelo interventor do Estado de Carlos de Lima Cavalcanti (1930-1937); a chegada da arquitetura dita Art Déco; e, ao surgimento de um rico debate urbanístico sobre a remodelação do centro. A partir do início dos anos 1930, suas encomendas públicas foram drasticamente reduzidas, talvez pelo fato de seu estilo não estar mais sintonizado com a visão do regime de Vargas e de ser visto como representante do velho regime político.

Essa situação talvez tenha contribuído para sua transferência para o Rio de Janeiro, cidade natal de sua esposa, no final da década de 1930, mas antes disso o arquiteto buscou se adaptar aos novos tempos políticos e às correntes modernizantes. Seguindo a crença generalizada de que a sólida formação parisiense na *École Spéciale d'Architecture* capacitava os arquitetos ali formados a lidar com diferentes programas, estilos e funções, Palumbo buscou se inserir neste debate, adaptando-se às novas circunstâncias e atualizando sua linguagem com a introdução de elementos do Art Déco ou pratoracionalismo.

Parte de uma pesquisa mais ampla que visa contribuir para preencher lacunas na historiografia sobre a obra e trajetória de Palumbo, este artigo busca mostrar como Palumbo enfrentou esta realidade por meio do estudo da remodelação do Cineteatro Moderno no Recife, fruto de uma encomenda privada e efetuada entre 1932 e 1933 e da proposta ganhadora para o concurso da Ponte Duarte Coelho de 1938. O estudo é pautado em pesquisa documental e bibliográfica, priorizando diversas fontes de pesquisa, incluindo a documentação do projeto existente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, os periódicos e jornais diários da época, com o apoio de fontes secundárias.

Este trabalho se divide em três partes. A primeira apresenta o arquiteto e oferece uma visão de conjunto de sua obra nos anos 1920. A segunda e busca apresentar a conjunção de novos fatores políticos e culturais de cunho modernizante, que alteraram o cenário para o arquiteto. Por fim, a última parte propõe um olhar mais aprofundando sobre o Cineteatro Moderno e a Ponte Duarte Coelho, duas das suas principais obra da década de 1930 no Recife.

O ARQUITETO GIACOMO PALUMBO

Devemos a João Maurício Miranda (1981) a primeira tentativa biográfica de Palumbo, indicando a sua chegada à cidade do Recife em 1918. Geraldo Gomes da Silva (1987) apresentou as características estilísticas do Palácio da Justiça, da residência Costa Azevedo e da Faculdade de Medicina, apontando para a versatilidade do arquiteto em lidar com elementos estilísticos distintos. Guilah Naslavsky (1998) apontou a relação profissional entre Heitor Maia Filho e Giacomo Palumbo, atribuindo o rigor clássico das composições da dupla a Palumbo. Já George Dantas afirmou que o Plano Geral de Sistematização de Natal, concebido em 1929 por Palumbo, foi de grande importância para o crescimento futuro daquela cidade. Apesar de escassas, as poucas informações sobre Palumbo permitem entrever que, ao longo da década de 1920, ele esteve à frente dos grandes projetos públicos da cidade do Recife e de algumas outras cidades da região.

As poucas informações que temos sobre a vida de Palumbo foram coletadas em entrevistas à sua filha única, Yvette, e ao seu neto, Hélio Eichbauer, realizadas entre 1981 e 2008¹. Por meio delas, ficamos sabendo que Giacomo Palumbo nasceu na Ilha de Corfu, na Grécia, em 1891, de pais italianos, Gabrielle e Giulia Palumbo. Seu pai era engenheiro e participou como engenheiro da equipe de Ferdinand Marie de Lesseps, responsável pela construção do Canal de Suez. Os entrevistados afirmam que Palumbo estudou na *École de Beaux-Arts*, em Paris, França, concluindo o curso em 1910, contudo, ele também assinava os seus projetos com a sigla E.S.A. o que supomos ser *École Spéciale d'Architecture*. Essa suposição foi importantíssima para pesquisa, pois a partir dela chegamos aos documentos existentes no arquivo desta escola, confirmando seu ingresso nesta instituição em 1908 e sua saída em 1911, sem recebimento de diploma. Diante das grandes dificuldades encontradas na Europa devido a Primeira Grande Guerra, resolveu migrar para a América do Sul em busca de trabalho e de uma nova vida, provavelmente com seu irmão, o engenheiro Victor Palumbo, desembarcando no Rio de Janeiro em 1917, e chegando ao Recife em 1919.²

Ao longo de sua permanência na cidade do Recife, Palumbo estabeleceu diversas parcerias. Com o pintor alemão Heinrich Moser desenvolveu os vitrais na Residência Costa Azevedo e no Palácio da Justiça, com Heitor Maia Filho e Hugo Azevedo Marques, arquitetos licenciados atuando no Recife e com Francisco Lopes de Assis e Silva, arquiteto responsável pela remodelação do Palácio do Governo de Pernambuco em 1920, com escritório técnico tanto no Recife quanto no Rio de Janeiro.

Assim, fica claro que a relação que Palumbo estabeleceu com os principais arquitetos (ainda não diplomados) da época, ora considerados discípulos, ora parceiros para trabalhos pontuais, evidencia a rápida ascensão e a grande proeminência dele no meio profissional local. Seja formado na *École des Beaux-Arts*, seja na *École Spéciale d'Architecture*, o que certamente qualificou-o para exercer com competência no Brasil não apenas as atividades de projeto e construção, mas também de ensino, como professor catedrático da Escola de Belas-Artes de Pernambuco, da qual foi um dos fundadores.

Pouco tempo após seu estabelecimento, ele passou a obter as principais encomendas de novos edifícios na cidade do Recife, particularmente os edifícios públicos, não só na gestão estadual de Sérgio Loreto (1922-1926), como na seguinte, de Estácio Coimbra (1926-1930). Ao longo de sua

atuação na cidade, aproximou-se da elite econômica de Pernambuco, entre eles usineiros, comerciantes, empresários, que passaram a contratá-lo para projetar suas residências e empreendimentos, já que era o “único arquiteto” aqui presente, segundo o depoimento no eminente jornalista Aníbal Fernandes no Diário de Pernambuco em setembro de 1922:

Numa terra em que se commettem diariamente os mais horríveis attentados à belleza, ao bom gosto e à própria dignidade da vida, em matéria de architectura, numa terra em que o architecto não existe, porque só consegue vencer o mestre de obra presumido e inconsciente, v. teve essa grande audácia, verdadeiramente inédita: mandar construir a sua habitação pelo único architecto que aqui existe. [...] Isso que v. está fazendo, meu amigo, e constitue neste pacato meio provinciano, um verdadeiro escândalo, fazem-no com applauso de todas as pessoas de gosto (BARRETO, 2016).

Em 1921, Palumbo já havia elaborado uma proposta não executada para o Parque Treze de Maio e para o Parque Interno do Palácio do Governo. Na sequência foi contratado pelo Governo Sérgio Loreto para realizar o projeto do Palácio da Justiça (1924-1930) e do Grande Hotel do Recife (1924-1938), e o Hotel Central (1928) por encomenda particular. À medida que a cidade se expandia com os melhoramentos públicos, o aparecimento de equipamentos de lazer e cultura, Palumbo também era requisitado a projetar seguindo os anseios e desejos dos novos modos de morar, socializar e trabalhar. Nos subúrbios, Palumbo projetou o Hospital do Centenário (1922-1925), a reforma do Asilo Bom Pastor (1922- 1924), a Faculdade de Medicina (1925-1927), além de projetos para várias residências à elite pernambucana, entre elas a residência Othon Bezerra de Melo (1922), Annita Cherques (1927) e a Costa Azevedo (1934).

Figura 1: Obras de Palumbo na área central: Hotel Central, Grande Hotel e Palácio da Justiça



Fonte: Diário da Manhã, 1927; Arquivo Público do Estado de Pernambuco; Luciano Ferreira/Prefeitura da Cidade do Recife (2013)

Figura 2: Obras de Palumbo nos subúrbios: Residências Costa Azevedo, Othon Bezerra de Melo e Hospital do Centenário



Fonte: Diário da Manhã, 1927; Arquivo Público do Estado de Pernambuco; Luciano Ferreira/Prefeitura da Cidade do Recife (2013)

Além das encomendas públicas e projetos particulares, Palumbo foi responsável por outros projetos e trabalhos, desde decoração de eventos à atuação como perito de sinistros do Estado. Também atuou em João Pessoa, Natal e no Rio de Janeiro, onde conquistou e expandiu seu círculo de relacionamentos, colaborando também com alguns projetos, como na ampliação do Colégio Santo Inácio (MIRANDA, 1981), no plano de urbanização para uma área no Recreio dos Bandeirantes (MENEZES; REINAUX, 1997) e no projeto do edifício Netuno³, na Avenida Atlântica em Copacabana.

O RECIFE NA DÉCADA DE 1930: UMA CIDADE EM MODERNIZAÇÃO

Giacomo Palumbo já havia alcançado grande prestígio como arquiteto perante a sociedade recifense, com sua arquitetura de filiação europeia clássica e eclética, mas a partir de 1930, assistimos a uma série de eventos de cunho modernizante no cenário político, urbanístico, artístico e arquitetônico que iriam desestabilizar sua posição e atenuar o prestígio que o arquiteto italiano tinha nos meios locais.

A Revolução de 1930 vai provocar fortes rearranjos na política pernambucana, com a queda do governador Estácio Coimbra e a ascensão de Carlos de Lima Cavalcanti ao governo do Estado, o qual governará entre 1930 e 1937. Lima Cavalcanti era proprietário dos jornais Diário da Manhã e Diário da Tarde, que veiculavam ataques à gestão de Coimbra e passaram a ser quase porta-vozes do novo governo (AQUINO, 2011, p.59-61).⁴ Talvez devido à esta turbulência e sua ligação os grupos preteridos, particularmente com as famílias Pessoa de Queiroz e Coimbra, Palumbo se ausentou da cidade por quase um ano.⁵ Em 1931, quando retorna ao Recife, suas demandas haviam sido drasticamente reduzidas prevalecendo os projetos privados, ainda que em menor escala.

Um panorama favorável à arquitetura moderna já existia desde meados dos anos 1920, tanto com artigos apontando as vantagens da arquitetura moderna na imprensa local⁶, como inovações técnicas.⁷ No começo dos anos 1930, as feições do ecletismo e do neocolonial começam a ser lentamente superadas por meio da simplificação das linhas e dos volumes com o abandono dos ornamentos mais elaborados, mas mantendo a composição clássica das fachadas (MOREIRA, 2022, p.212). Muitas edificações antigas passaram a ser reformadas adotando linhas retas e ornamentos com caráter geometrizar, balcões em balanço, platibandas, mostrando uma aceitação da arquitetura moderna (NASLAVSKY, 1998,

MARGENAT, 2000, p.14, CORREIA, 2008, p.14). Ora chamada de Art Decó, protomoderno, protorracionalismo, ou ainda “moderna pragmática”⁸, esta arquitetura buscou unir referências das vanguardas artísticas, das tradições acadêmicas Beaux-arts e do racionalismo moderno. O Recife iria assistir, desde o começo da década de 1930, a construção de diversos exemplares desta arquitetura, sendo um deles o Cineteatro Moderno de Palumbo.

Um marco na consolidação da arquitetura moderna deu-se com a experiência a Diretoria de Arquitetura e Construções (DAC), posteriormente Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU), chefiada por Luiz Nunes entre 1934 e 1937 no âmbito estadual. Com o máximo de economia possível e buscando atender carências da população no âmbito da saúde e do ensino, os edifícios seguiam princípios corbusianos, muitas vezes baseados em um volume prismático sobre pilotis com utilização de pano de cobogós e brise-soleil para controle da insolação (MARQUES, NASLAVSKY, 2011).⁹ Esta experiência do DAC/DAU sinalizou a preferência pelo poder público estadual da arquitetura moderna, no lugar da linguagem clássica de arquitetos como Palumbo.

Também neste momento, o Recife passou a sediar uma ampla discussão sobre urbanismo, tendo como objeto a remodelação do bairro de Santo Antônio, centro administrativo e comercial da cidade, embasada em teorias e experiências urbanísticas europeias e norte-americanas que, de fato, já vinham sendo discutidas desde meados da década de 1920. Entre os planos de maior destaque estão o de Nestor de Figueiredo (1932) e o de Atílio Correa Lima (1935).¹⁰

Figura 3. Plano de Nestor de Figueiredo – Perspectiva (1932) e Plano de Atílio Corrêa Lima (1935)



Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo, 1940; Revista Urbanismo e Viação, 1940

Estas propostas animavam um rico debate de ideias urbanísticas que atraiu a atenção de urbanistas de todo o país, mas que foi interrompido com a promulgação do Estado Novo, que provocou um novo rearranjo das elites locais. Lima Cavalcanti, cujo prestígio junto à Vargas vinha se encolhendo, caiu imediatamente com o golpe, e em seu lugar Vargas designou Agamenon Magalhães como o novo governador, que, por sua vez, nomeou Antônio Novaes Filho (1937-1945) como o novo prefeito de Recife, fato que

teve repercussões importantes na remodelação do bairro. Em dezembro de 1937, o novo prefeito estabeleceu uma nova comissão, que avaliou o que já tinha sido feito até aquele momento, com enfoque maior nas demolições, e propôs uma solução. A nova comissão decidiu resgatar o plano de Figueiredo (1932), reduzindo a proposta a uma única avenida e a massa de edifícios imponentes em seu alinhamento. A construção de uma avenida central, a futura Avenida 10 de Novembro com altos edifícios oferecia uma imagem clara de uma cidade moderna e do pensamento urbanístico e arquitetônico vigente (MOREIRA, 2016, p.301).

Figura 4. Vista Panorâmica da Avenida Guararapes, década de 1950.



Fonte: Museu da Cidade do Recife

Os edifícios da Avenida Guararapes foram construídos entre 1939 e 1949 para serem os mais altos e modernos na cidade. Utilizaram das técnicas mais modernas que havia na época e definiram o padrão estético da década de 1940 no Recife. Concebidos de maneira a estar em concordância uns com outros, observa-se a continuidade das cornijas e linhas horizontais, as mesmas alturas, as galerias no térreo e um escalonamento dos andares superiores, de forma muito similar às Avenidas Presidente Vargas no Rio de Janeiro e à Borges de Medeiros em Porto Alegre, tornando-se uma expressão da remodelação dos centros na era varguista (MOREIRA, 2016, p.303-305, MOREIRA, 2022, p.220-228).

Entre os profissionais responsáveis pelos projetos desses edifícios, estão Heitor Maia Filho e Hugo Marques, ambos parceiros de Palumbo¹¹. Ainda que não tenha sido identificada a participação de Palumbo nestes edifícios nem na discussão urbanística dos anos 1930, não podemos deixar de supor que ele também era responsável pela circulação de ideias¹², especialmente sabendo de sua contribuição para o desenvolvimento do Plano de Remodelação da Cidade de Natal, a partir de 1929 (DANTAS, 2003) e do projeto para a Ponte Duarte Coelho (1938-1940), que fazia a ligação da nova avenida Guararapes com o bairro da Boa Vista.

Outra novidade do início da década de 1930, foi a criação da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP) em 1932, fruto do esforço de um grupo de artistas, arquitetos, engenheiros, entre eles Palumbo, para criar um curso superior de arquitetura, pintura e escultura.¹³ Segundo Marques (1983, p.150), a escola não tinha apoio de nenhuma entidade mantenedora, nem conseguia cobrar matrículas ou mensalidade, dependendo apenas de doações e subvenções governamentais. Assim, até o reconhecimento federal da Escola (novembro de 1945), os professores trabalhavam sem salários e era frequente o abandono de muitos, assim como de seus alunos. Para Palumbo, ainda que fundador da Escola, conciliar essa situação deveria ser algo muito difícil, em função da falta de encomendas públicas, como também, pelas dificuldades aos arquitetos estrangeiros geradas pelo decreto-lei 23.569 de 11 de dezembro de 1933, que regulamentava a profissão do arquiteto

O decreto estabelecia que aqueles formados no exterior em escolas ou institutos técnicos, cujo diploma tivesse sido revalidado de acordo com a legislação federal do ensino superior até aquela data, poderiam exercer a profissão de arquiteto no país.¹⁴ Embora o decreto tenha trazido inegáveis benefícios à profissão, muitos arquitetos estrangeiros tiveram dificuldades para terem seus registros definitivos, a exemplo de destacados profissionais como Lucjan Korngold e Franz Heep (Silva, 2012). Como provavelmente Palumbo não finalizou o seu curso de arquitetura no exterior, não encontramos documentação sobre a revalidação ou registro no Brasil, o que tudo leva a crer que ele passou a ter dificuldades para atuar, dependendo de parceiros licenciados.

Assim, a década de 1930 trouxe inúmeras novidades de cunho modernizante com grandes impactos para a prática profissional e para a consolidação da arquitetura moderna, mas acarretou inúmeras dificuldades para o pleno exercício profissional de Palumbo. Apesar destes impasses e dificuldades, ele procurou se inserir neste debate, adaptando-se às novas circunstâncias e atualizando sua linguagem com a introdução de elementos do Art Déco, como o edifício do Cineteatro Moderno.

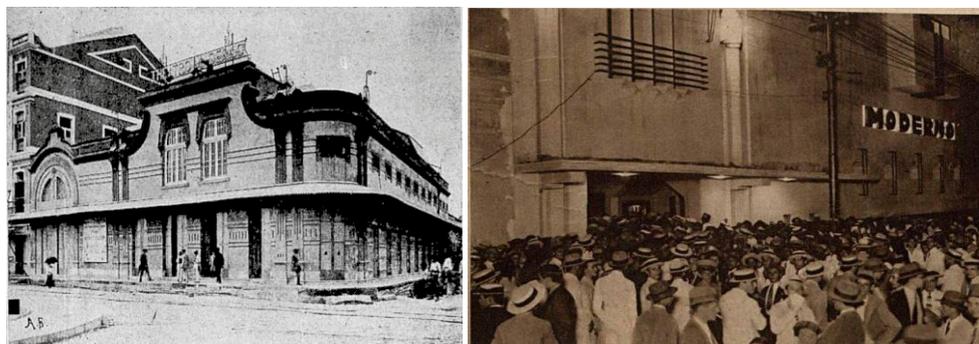
O CINETEATRO MODERNO

Como já visto, a cidade do Recife experimentou diversas manifestações ligadas ao modernismo, com a vida urbana tornando-se mais ativa e agitada, com novas formas de sociabilização. Entre estas, a mais marcante foi, sem dúvida, o cinema, que influenciava a sensibilidade e o modo de vida da população, ditando modas e comportamentos. A cidade sediou um dos polos mais importantes de cinema no Brasil, o Ciclo do Recife, ativo entre 1923 e 1931 (SARAIVA, MOREIRA, 2020). As primeiras exibições no início do século XX aconteciam em teatros, circos, festas de largo e cafés, aos poucos salas especializadas foram surgindo, adequada à exibição dos filmes, atendendo a requisitos de visibilidade, acústica e conforto. Após a inauguração do primeiro cinema, o Pathé, surgiram outros como o Royal, o Moderno (ambos no Bairro de Santo Antônio), o Polytheama e o CineTeatro do Parque (na Boa Vista) e o Ideal (no bairro de São José).

Um dos melhores representantes desse tipo edilício foi, sem dúvida, o Cineteatro Moderno. Inaugurado em 1913 como teatro, no bairro de Santo Antônio, na esquina da Praça Joaquim Nabuco com a Rua Frei Caneca, o Moderno foi adaptado dois anos depois de sua inauguração, em 1915, para

receber o cinema. Em sua primeira versão como teatro, o edifício possuía os traços da composição clássica, com um frontão marcado por frisos e cornijas que fazem referências ao Art Nouveau.¹⁵

Figura 5. Cineteatro moderno, década de 1910 e década de 1930



Fonte: Museu da Cidade do Recife e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Em 1931, Palumbo foi contratado pelos proprietários, a firma Marques, Fernandes e Cia, para adequar o Cineteatro em um moderno cinema. Essa passagem definitiva de teatro para o cinema pode ter incentivado Palumbo a deixar de lado sua costumeira linguagem clássica e eclética e escolher uma linguagem arquitetônica que melhor refletisse o caráter de um cinema: o Art Déco. A geometrização e simplificação dos componentes decorativos, dos balcões e marquises e a ênfase dada ao volume da cabine nas fachadas parecem melhor sugerir a modernidade deste novo uso. Foi o primeiro exemplar na cidade de cinema como elementos Art Déco.¹⁶

Nos periódicos da época, a remodelação do Teatro Moderno era anunciada como um sinal inegável da modernidade. Algumas críticas associando a obra apenas a uma reforma de fachada foram rechaçadas nos periódicos, que reforçavam sua importância para a cidade:

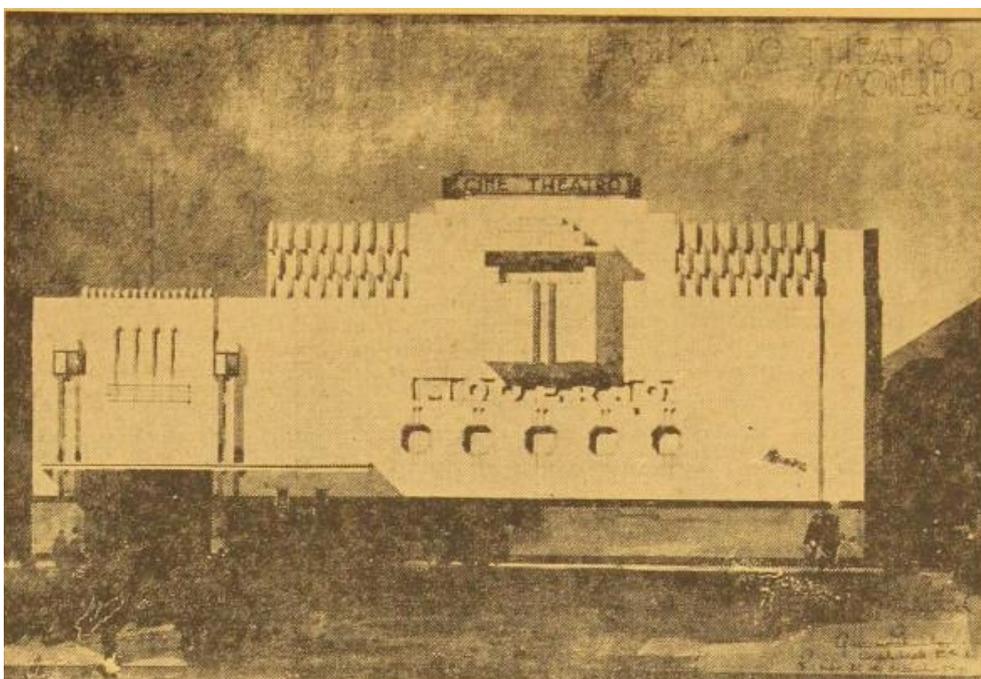
[...] já não se trata de um projeto, simplesmente, mas de uma vigorosa e tenaz iniciativa que marcha vitoriosamente para belíssima realidade. Quem passa, hoje, pela Praça Joaquim Nabuco, que é um dos pontos mais movimentados da cidade, está ao par do trabalho maravilhoso que se realiza, para dotar o Recife com um cinema que será, senão o maior, falando de certo ponto de vista, pelo menos o mais luxuoso e capaz de oferecer um atestado eloquente do grão de adiantamento que a capital pernambucana atingiu nestes últimos dez anos. [...] A arrojada iniciativa de reconstrução do moderno é, pois, uma necessidade e não uma obra de fachada, como se supõe, e malevolamente se quer fazer acreditar (DIÁRIO DA MANHÃ, 16 de abril 1933, s.p.d).

Assim como em outros projetos, sua capacidade técnica e artística foi um determinante para a escolha de Palumbo: "Artista no verdadeiro sentido da palavra, conhecendo seu *métier* todos os detalhes, Palumbo idealizou, para o grande cinema pernambucano, uma verdade obra técnica moderna"¹⁷.

O fato de Palumbo ter explorado o concreto armado para criar uma composição símbolo do progresso e elegância, foi também ressaltada:

O Theatro Moderno será completamente reconstruído, adaptando-se às condições de progresso da cidade [...] terá teto de cimento armado, além das remodelações internas que constarão de cinco camarotes de luxo, uma plateia superior construída a concreto, iluminação moderna, aumento de lotação e fachada completamente nova[...]. (DIÁRIO DA MANHÃ, Janeiro de 1932, s.p.d).

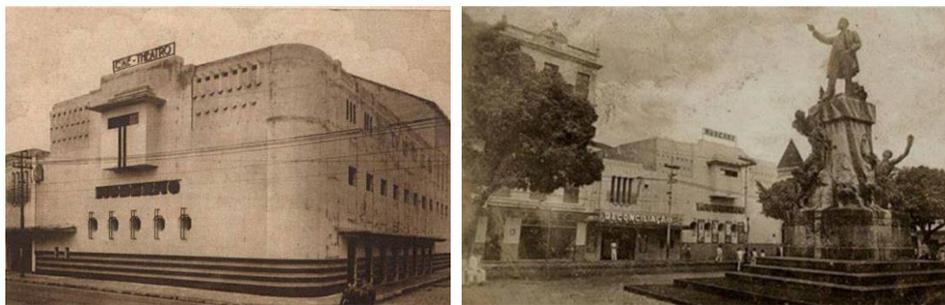
Figura 6. Fachada do Cineteatro Moderno, no canto direito assinatura do arquiteto Giacomo Palumbo (1931)



Fonte: Diário da Manhã, janeiro de 1932

A partir do estudo de projetos anteriores de Palumbo, especialmente o Hotel Central de 1928, sabemos que as novas técnicas construtivas já eram conhecidas por Palumbo, mas agora ele parecia permitir que a técnica do concreto se manifestasse mais livremente, explorando sua dimensão estética e, adequando-se assim, aos desejos da época. Ele tirou partido da expressão do material na composição formal da fachada, como pode-se perceber nas esquinas arredondadas cujo dinamismo parecer ser mais acentuado graças aos frisos do térreo, talvez uma tentativa de fazer algo similar ao que tinha feito Eric Mendelsohn no Cinema Universum em 1928 em Berlim.

Figura 7. Cineteatro após a reforma de Palumbo



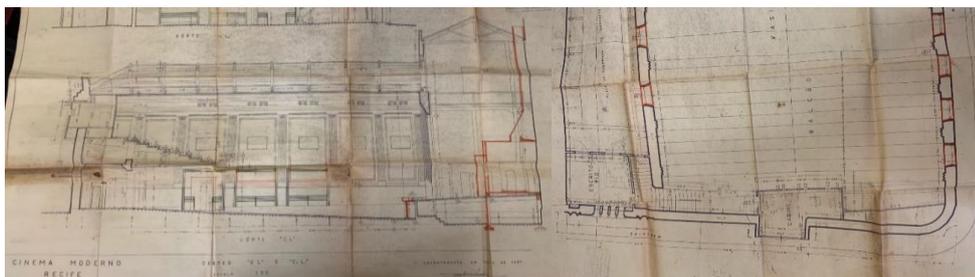
Fonte: Diário da Manhã, junho de 1932 e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Pode-se identificar a composição clássica, no respeito a simetria e valorização do eixo do edifício na fachada frontal. A cabine de projeção destaca-se no alto, conferindo maior dinamismo ao volume e anunciando a função do edifício.¹⁸ Acima, em ferro, e abaixo, incrustado na alvenaria, da cabine estão os letreiros com grafia Art Déco. Em cada lado da cabine estão grandes rasgos horizontais interrompidos por montantes verticais. Cinco janelas circulares (óculos) e no térreo as linhas de frisos já mencionadas. Na fachada lateral, para Rua Frei Caneca, as aberturas são simples, simétricas e seguem um mesmo espaçamento ao longo de todo plano. Destaca-se ainda na lateral e na entrada do edifício o uso de marquises no passeio, de modo a conferir uma certa proteção ao pedestre, na compra do bilhete, mas Palumbo não estende a marquise a todo o plano da edificação, garantindo que o acesso ganhe maior destaque. O edifício assume um destaque na paisagem urbana, sem destoar da escala do casario ao redor.

A entrada principal, antes era realizada pela parte frontal, na proposta de Palumbo foi deslocada para a lateral esquerda, com chegada a um hall de espera. O fechamento das portas frontais, provavelmente tiveram por prerrogativa garantir melhor acústica e um fluxo adequado ao cinema. Já o acesso para o balcão, construído em concreto, dava-se por uma escada lateral localizada no hall de espera. Infelizmente, não foi possível localizar as plantas da reforma realizada por Palumbo, mas a partir da planta de reforma de 1953, que se concentrou no exterior da edificação com poucas alterações internas, pode-se observar o funcionamento do espaço e os elementos que podem ter feito parte da proposta de Palumbo.

De acordo com os periódicos, o antigo edifício parecia sofrer de calor excessivo. A fim de resolver essa questão, Palumbo propôs na parte posterior um volume ainda mais alto para circulação do ar e aberturas superiores na lateral do edifício. A iluminação foi projetada para garantir acolhimento e efeitos decorativos, tato interna como externamente.

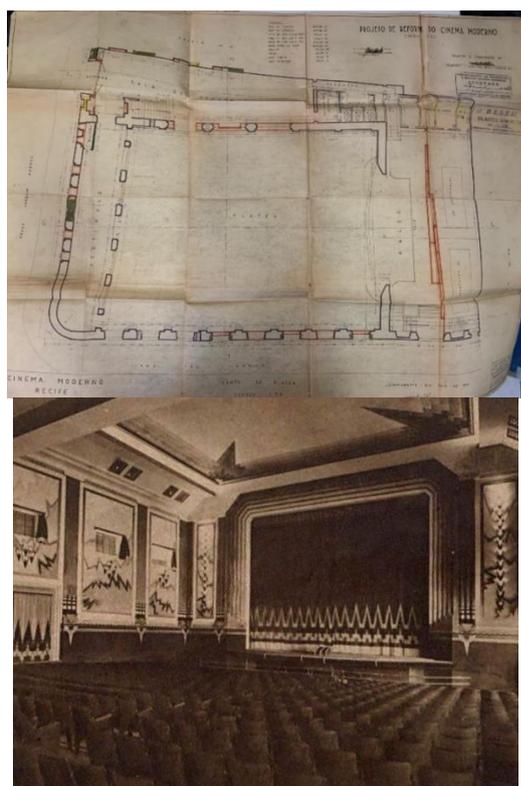
Figura 8. Corte do Cineteatro Moderno e Planta baixa do mezanino (balcão) de 1953



Fonte: Acervo da Prefeitura da Cidade do Recife

Na parte interna, é possível identificar elementos decorativos aludindo a arte marajoara nas pinturas das paredes e nos elementos decorativos, tais como cortinas, além de uso de molduras e frisos que poderiam ter função de minimizar os ruídos internos.

Figura 9. Cineteatro Moderno, planta baixa do Térreo de 1953 e fotografia interna da área de Plateia após a reforma de Palumbo.



Fonte: Acervo da Prefeitura do Recife e Arquivo Público do Estado de Pernambuco

Em 1933 foi reinaugurado o Cineteatro Moderno, podendo acolher 1200 pessoas, sendo 760 na plateia, 400 no balcão e 40 pessoas nas galerias laterais. A construtora Jorge Martins ficou responsável pela obra, a decoração ficou a cargo do pintor Wilson Carvalho e as poltronas foram encomendadas a uma fábrica do Rio Grande do Sul responsável pela confecção na época de mobiliários de luxo.¹⁹

Figura 10. Interior antes da reforma de Palumbo e após a Reforma de Palumbo



Fonte: Revista P'ra Você, n. 18, 1930 e n. 30, 1933 – FUNDAJ

No projeto de 1953, é possível observar uma nova reforma, já com o fechamento das aberturas superiores, retirada dos óculos, abertura de nova porta no eixo central da fachada para Praça Joaquim Nabuco e ampliação da marquise em todo plano da fachada. Provavelmente os fechamentos das aberturas tenham sido realizados para viabilizar a introdução de sistema de ar-condicionado. Foram também dispostos elementos publicitários as várias partes da fachada do edifício.

De um modo geral, o Cineteatro Moderno antecipava a linguagem da Av. 10 de Novembro, futura Guararapes, que só iria ter os seus primeiros edifícios construídos a partir de 1938 e o projeto do Cinema Art Palacio de Rino Levi de 1937, a duas quadras de distância. No decorrer dos anos, com a chegada das novas salas de cinemas nos shoppings center e as novas relações da sociedade com o espaço urbano, os cinemas de bairros foram gradativamente fechando, assim aconteceu com o Moderno, em 1996, que hoje funciona como uma loja de eletrodomésticos.

A PONTE DUARTE COELHO

Como já visto, as transformações ocorridas trouxeram para o Recife uma maior circulação de automóveis, a construção de novos edifícios, a criação de imponentes avenidas que garantissem fluidez e conectividade viária, entre outros. A expansão do sistema de bondes em curso desde 1914, ligando várias partes da cidade, reforçou a centralidade do bairro de Santo Antônio, passando o sistema viário a sofrer cada vez mais com os problemas de trânsito. A abertura de uma larga avenida, como a 10 de Novembro, iria demandar a construção de uma nova ponte que desse continuidade a esse eixo ligando ao Bairro da Boa Vista e o futuro alargamento da rua Formosa (atual avenida Conde da Boa vista), que ocorreria na década de 1950. Assim, diante deste cenário, o prefeito Novaes Filho passou a investir em vários projetos de construção e reconstrução de pontes e pontilhões, entre eles a da Ponte Duarte Coelho, considerada “monumental obra de arte” (PMR, 1944, p.28) ligando os dois bairros acima mencionados.²⁰

O apoio financeiro do Estado viabilizou um edital para o concurso de projetos para nova ponte Duarte Coelho sujeitos a classificação por uma comissão de técnicos. A diretoria de obras municipais, na chefia do engenheiro José Hermógenes Tolentino Carvalho, ficou responsável pelo edital. Dentre os dezoito concorrentes, o projeto identificado como de

“Palumbo e Assis” é classificado em primeiro lugar.²¹ No Diário da Manhã, em 1939, que lançou a notícia, constava o seguinte:

Reuniu-se, ontem, na prefeitura, sob a presidência do prefeito Novaes Filho, a comissão julgadora dos projetos da ponte a ser construída no bairro de Santo Antônio. Estiveram presentes os engenheiros Domingos Ferreira Moreira Reis, Clovis Castro, Antonio Praxedes Lima, os sr. Eric Reventlow e Alfredo de Azevedo. Abertos os invólucros, verificou-se que haviam obtido os três primeiros lugares, os seguintes concorrentes: Letra D – Palumbo & Assis – Rio de Janeiro – 1º lugar; Letra C – J. Brandão & Magalhães – Recife – 2º Lugar; Letra M – Antônio Alves de Noronha e Júlio Carneiro de Albuquerque Maranhão Filho – Rio de Janeiro - 3º lugar (Diário da Manhã, 4 de maio de 1939)²².

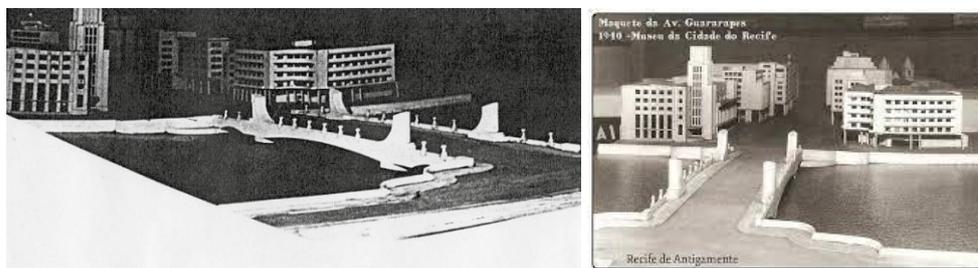
Para escolha do projeto vencedor, a comissão levou em consideração as condições técnicas no tocante a visibilidade; facilidade de circulação; possibilidade de navegação sob a obra e redução produzida pela mesma na secção de vazão do rio; custo provável e despesas de conservação decorrentes do sistema construtivo e do material adotado e por fim, quanto a originalidade e valor estético como obra de arte monumental (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31 de março de 1939).

No parecer realizado pela comissão, além de mencionar projeto ganhador, foram feitas algumas restrições de projetos aos três primeiros colocados. No projeto de Palumbo e Assis a comissão estabeleceu:

Os projetos que servem de apoio ao arco central em que descansam uma das nascenças de cada um dos arcos marginais, apresentam-se excessivamente robustos, o que também sucede aos maciços ornamentais que sobre os mesmos se erguem. Além disso, esses pilares determinam, por motivo de sua grande largura, redução da secção de vazão do rio e os maciços ornamentais, servindo de soco às figuras alegóricas que no projeto se indicam, invadem os passeios, reduzindo sua largura (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31 de março de 1939)

A comissão complementa que na execução fica a prefeitura responsável em corrigir as inconveniências e sugere a substituição das estatuas alegóricas por estátuas de vultos notáveis da história de Pernambuco, quando assim for oportuno e possível ao erário municipal.

Figura 11. Maquete da ponte Duarte considerada de autoria de Giacomo Palumbo e Assis por dois ângulos.



Fonte: Folha da Manhã, 14 dezembro 1938; Museu da Cidade do Recife

Nas imagens acima podemos observar os quatros maciços ornamentais que de fato estreitavam o passeio público e os arcos das margens que aparentemente se apresentavam com maior volume, reduzindo a vazão do rio nessa parte, essas imagens corroboram para o discurso da proposta vencedora.²³ Nessa proposta, percebe-se também que tanto pela rua da Aurora, quanto pela rua do Sol, Palumbo dimensionou a calha viária de forma mais ampla na entrada e saída da ponte garantindo um acesso fluído, sem deixar de lado o fluxo de pedestre.

A ponte foi desenvolvida em concreto armado, com arcos triarticulados.²⁴ Era comum as pontes desse formato terem até 30 metros realizadas em concreto simples, no entanto a ponte Duarte Coelho foi pensada para vencer um vão de 140 metros por 25 metros de largura, o que requeria do projetista um entendimento ainda maior do funcionamento das estruturas de concreto armado.

Pode-se observar que Palumbo buscou um tratamento compositivo que claramente confere imponência e caráter monumental singular, ao fazer uso de quatro elementos verticais nas cabeceiras da ponte, que marcariam o acesso da ponte, assim como na tradição clássica aconteciam com arcos antigos de acesso as pontes. A associação desse tipo torreão vertical robusto ao conjunto de balaustradas menores ao longo de toda a ponte proporcionava ritmo e elegância, além de buscarem uma relação com os novos edifícios propostos para avenida. Pela sua formação, é possível supor que Palumbo acreditava que mesmo uma infraestrutura de uma cidade moderna deveria ser pensada como obra de arte, como o fez nesse projeto.

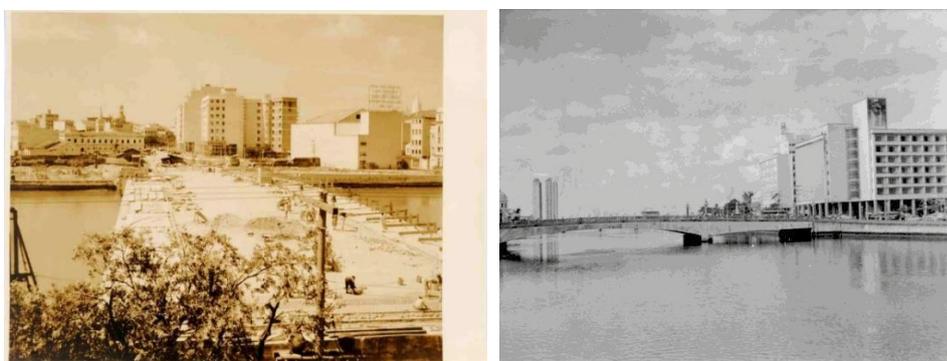
O prefeito Novaes Filho menciona que não hesitou em aprovar as conclusões da comissão para escolha do projeto, mesmo que suas preferências não coincidissem com o julgamento feito pela comissão. Mais tarde, com a obra em andamento, ele retorna a colocar sua opinião quando a Comissão do Plano da Cidade introduz modificações ao plano original:

Tempos depois de iniciada a construção alvitrou a Comissão do Plano da Cidade introduzir algumas modificações no plano primitivo, vindo, com isso, ao encontro das minhas impressões do primeiro momento acerca, por exemplo, do estilo da balaustrada, tal como se prefigurava no projeto, mas evidentemente sem ambiência em nossa paisagem urbana. (PMR, dezembro de 1944, p. 29)

A expressão “estilo da balaustrada” colocada por Novaes Filho anunciava que a estética vigente gradativamente já vinha perdendo espaço e que para ele, aquela não seria a escolha mais adequada à fisionomia cidade. Como visto, a arquitetura moderna já era anunciada e os novos condicionantes desse momento revelavam os novos símbolos do progresso.

A construção foi confiada a empresa Cesar Melo Cunha a partir de uma concorrência pública, a mesma empresa responsável pela finalização do Grande Hotel do Recife. A “nova ponte sobre o Capibaribe”, como diversas vezes é anunciada pelos periódicos, tornou-se um novo elemento de utilidade pública e de grande destaque estético.

Figura 12. Construção da Ponte Duarte Coelho, entre 1941 e 1942 e Vista da Ponte Duarte Coelho, em 1957.



Fonte: Acervo Benício Dias/Fundaj e Biblioteca do IBGE

Embora a proposta seja de 1939, a obra só foi iniciada dois anos depois e finalizada em 1943. O projeto sofreu alterações com simplificação de elementos, mas a ideia norteadora para estrutura da ponte se manteve. Embora o prefeito Novaes Filho fale da falta de ambiência na paisagem urbana em virtude de alguns elementos arquitetônicos proposto por Palumbo e Assis, a própria liberdade de propor um vão arrojado, provava a habilidade do arquiteto em lidar com os aspectos urbanos. A ponte, foi na sua escolha, considerada um novo elemento de utilidade pública e de considerável realce estético para cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o novo rearranjo político local proporcionado pela Revolução de 1930 e a chegada de novas tendências arquitetônicas inclinadas ao modernismo, as encomendas públicas de projetos feitas a Palumbo, foram drasticamente reduzidas. Além disso, o enfraquecimento dos grupos políticos e econômicos locais que lhe davam apoio e a nova legislação profissional colocaram empecilhos ao seu exercício profissional. Entretanto, ao longo da década de 1930 Palumbo investiu suas energias na modernização de sua linguagem arquitetônica, tirando partido da expressão do concreto armado, eliminando e simplificando ornamentos rebuscados ou restringindo-os a poucos elementos e adotando elementos como frisos de contorno do edifício, balcões e marquises curvos e outros elementos que associados com o que convencionamos chamar de Art Déco.

Ele buscou uma mediação entre o legado clássico e as novas demandas da vida moderna, sugerindo que existiria uma arquitetura perene que deveria ser adaptada a diferentes momentos e circunstâncias, e que o arquiteto de formação clássica seria capaz lidar com a complexidade da vida moderna. Mesmo alijado das grandes discussões urbanísticas e das novas iniciativas arquitetônicas modernas, Palumbo conseguiu participar com obras que evidenciaram a contribuição de um viés clássico e morfológico. Sua obra dos anos 1930 mostra também que o processo de consolidação da arquitetura e da cidade moderna nesta década é muito complexo, um campo de disputa entre diversas correntes que admitindo diversas nuances.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a FACEPE pelo apoio concedido a esta pesquisa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A PRÓXIMA...**Diário da Manhã**, Recife, 16 abr. 1932.

CARRASCO, Daniel Matus. Diplômes et diplômés en urbanisme: Paris 1919-1969. **Architecture, aménagement de l'espace. Université de Nanterre** - Paris X, 2018. França. Disponível em <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-02165940/document>.

CONDE, Luiz Paulo Conde & ALMADA, Mauro. Panorama do art déco na arquitetura e no urbanismo do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, [1996] 2000.

CORREIA, Telma de Barros. Art Déco e indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**, v.16, n.2, p.47-104, 2008.

DANTAS, George Alexandre Ferreira. **Linhas convulsas e tortuosas retificações**: transformações urbanas em Natal nos anos 1920. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2003.

ÉCOLE SPÉCIALE D'ARCHITECTURE (ESA). **Établissement d'enseignement supérieur décrété d'utilité publique en 1870 reconnu par l'état (décret du 9 janvier 1934)**, Paris, n.24, janeiro de 1968. Acessado em [brochure_ESA_1968.pdf](#).

MARGENAT, Juan P. **Arquitetura art deco en Montevideo (1925-1950)**. Montevideo: Mercur, 2000.

MARQUES, Sônia. **Maestro sem orquestra, um estudo da ideologia do arquiteto no Brasil 1820-1950**. (Dissertação de Mestrado) – PIMES, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife. **Arquitextos**, 11, n.131.02, p.1-17, 2011.

MENEZES, José Luiz Mota; REINAUX, Marcílio. **Palácio da Justiça**. 2. ed. rev. e ampl. Recife: Gráfica e Editora Linceu, 1997.

MIRANDA, João Maurício Fernandes. **380 anos de história fotográfica da cidade de Natal 1599-1979**. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 1981.

MOREIRA, Fernando Diniz. A aventura do urbanismo moderno no Recife. LEME, Maria Cristina (org.) **Urbanismo no Brasil 1895-1965**, São Paulo: Nobel; Edusp, 1999.

MOREIRA, Fernando Diniz. A Transformação do Bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949). **Anais do XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. São Carlos: IAUUSP, 2016.

MOREIRA, Fernando Diniz. Avenidas, arranha-céus e mocambos: O Recife das décadas de 1930 e 1940. MOREIRA, Fernando Diniz (org). **Recife: Cinco Séculos de Cidade e Arquitetura**. Recife: CEPE, 2022.

NASLAVSKY, Guilah. **Modernidade arquitetônica no Recife: Modernização da Arquitetura no Segundo Quartel do Século XX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 1998.

OUTTES, Joel. **O Recife pregado à cruz das grandes avenidas: contribuição à história do urbanismo (1927-1945)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1991.

PONTUAL, Virginia. **Uma cidade e dois prefeitos: Narrativas do Recife das décadas de 1930 a 1950**. Recife: Ed da UFPE, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE (PMR). **Seis Anos de Administração Municipal, 1937-1943: Relatório apresentado pelo prefeito A. Novaes filho ao interventor Agamenon Magalhães, em Dezembro de 1944**.

O *THEATRO* Moderno...**Diário da manhã**, Recife, jan. 1932.

REABRIU...**Diário da Manhã**, 7 jun. 1932.

REYNALDO, Maria. **As cabeceiras das pontes segundo seus padrões formais: O caso do Centro da Cidade do Recife, dos séculos XVII ao XX**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

RIBEIRO, Cecília. Luiz Nunes e o projeto de instituições de saúde em Pernambuco. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n.2, abr.-jun. 2019, p.593-620.

SARAIVA, Kate. **Cinemas do Recife**. Recife: Funcultura, 2013.

SARAIVA, Kate, MOREIRA, Fernando. Recife: Cidade e Cinema (1923-1931). **Sillogés**, v.3, 2020.

SILVA, Geraldo Gomes da. Arquitetura eclética em Pernambuco. In: Fabris, Annateresa (org.). **Eclétismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel, Edusp, 1987.

SILVA, Joana Mello. **O arquiteto e a produção da cidade:** a experiência de Jacques Pilon. São Paulo: Annablume, 2012.

TORRES, Niedja F. Santos. **O ensino do desenho na escola de belas artes de Pernambuco (1932 a 1946).** (Dissertação de Mestrado) – Artes Visuais, Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

VIDA Social – Viajantes. **Diário da manhã**, ano IV, nº 1206, 1931.

NOTAS

1 Em 1981, João Miranda entrevistou Yvete e Hélio, filha e neto, respectivamente, de Palumbo (MIRANDA, 1981). Em 2000, George Dantas realizou nova entrevista com ambos os familiares (DANTAS, 2003; 2006), e por fim, em 2008, Luiz Henrique Sá entrevistou seu neto (SÁ, 2008).

2 As entrevistas apontam a chegada ao Recife em 1918, mas seu neto afirma que ele de fato se estabeleceu na cidade em 1919. Apesar da divergência de informações, é certo que o seu casamento com Heloísa Meneses de Pádua em 24 de junho de 1919 aconteceu no Rio e que a única filha deles, Yvette Palumbo nasceu no Recife em 21 de março de 1920.

3 Revista Arquitetura e Urbanismo, novembro/dezembro de 1936

4 Com o pretexto de investigar a corrupção política no estado, o novo governo perseguiu e prendeu opositores, expulsou do quadro técnico os que eram contrários ao novo regime, buscou apoio popular dos sindicatos. Com sua nomeação, diversas famílias opositoras à Vargas foram perseguidas, entre elas a família Pessoa de Queiroz, que teve seus palacetes, bens e objetos destruídos e incendiados. Membros de algumas dessas famílias, incluindo Estácio Coimbra, se refugiaram na Europa.

5 As notícias de embarques e desembarques em navios na imprensa local mostram que ele embarcou no Recife no dia 17 de maio de 1930 (navio Zeelandia) ao lado de sua esposa Heloisa e Yvette Palumbo com destino a Lisboa e desembarcou no Recife em 08 de abril de 1931 (navio Bagé), vindo de Paris. Vida Social – Viajantes. **Diário da Manhã**, ano IV, nº 1206, 1931.

6 Em entrevista à Revista de Pernambuco, já em 1925, Graça Aranha defendia que o concreto armado exigia uma arquitetura nova, que não mais copiasse elementos do gótico ou do colonial (MOREIRA, 2022, p.210). O engenheiro Alde Sampaio, em um artigo intitulado A Casa Tropical, em 1927, alertava para a necessidade de adequação da casa à nossa realidade climática. O poeta Manuel Bandeira, em 1929, em artigo publicado em A Província, mostrava a novidade da planta livre, sem paredes, e das janelas contínuas, como defendido por Le Corbusier poucos anos antes (NASLAVSKY, 1998, p. 77). O médico Aluizio Bezerra Coutinho, em sua tese O problema da habitação higiênica nos países quentes em face da "Arquitetura Viva", de 1929, propôs uma reconciliação entre a ideia de casa higiênica, a arquitetura moderna e a cultura popular de construção (MOREIRA, 2022, p.210).

7 Em 1930, engenheiros locais patentearam o cobogó, um pré-fabricado de cimento e areia que tornava a construção mais leve e rápida. Por possibilitar grandes vãos, o concreto já vinha sendo usado nos meios técnicos locais desde a década anterior em pontes, armazéns e alguns edifícios maiores, mas na década de 1930 anúncios mostravam que já existiam muitas firmas que usavam o material (NASLAVSKY, 1998).

8 O uso destes termos para definir esta arquitetura ainda não é um consenso. Em artigos publicados nos anos 1980, Luís Paulo Conde usa o termo Art Déco. Guilah Naslavsky em 1998 sugere o protoracionalismo. Acharmos mais adequada a classificação de Hugo Segawa que considera o Art Déco como uma "modernidade pragmática", uma legítima expressão arquitetônica da

modernidade brasileira entre as décadas de 1930 e 1940, tendo convivido com o final da produção eclética e com o surgimento da linguagem moderna da escola carioca, que se tornariam prevalente a partir de meados da década de 1940.

9 Dentre os projetos realizados sob a chefia do arquiteto Luís Nunes estavam a Escola de Anormais, 1934, a Usina Higienizadora de Leite, 1934, e o Hospital da Brigada Militar, 1934, entre outros (RIBEIRO, 2019, p.596).

10 Entre os principais planos elaborados entre 1926 e 1943, estão os de Domingos Ferreira (1926-1927), pela da Comissão Clube de Engenharia (1930), Nestor de Figueiredo (1932), Attilio Corrêa Lima (1935) da Comissão do Plano da Cidade (1938) e de Ulhôa Cintra (1943), cujos conteúdos podem ser encontrados em Pontual (2001), Outtes (1991) e Moreira (1999, 2022).

11 O início da construção dos primeiros edifícios na Avenida Guararapes coincide com a saída definitiva de Palumbo do Recife. Não foram achados indícios de sua participação no projeto dos edifícios de seus ex-parceiros, Maia Filho e Marques.

12 Embora a disciplina do Urbanismo tenha surgido oficialmente na ESA apenas em 1932, o tema já aparecia desde 1865 na disciplina de Legislação da Construção e na disciplina de higienismo (ofertada pela ESA a partir de 1900) (ESA, 1968; CARRASCO, 2018, p.111).

13 Palumbo aparece como professor catedrático nos relatórios e nas reportagens de revistas locais, pois muitos profissionais estrangeiros eram enquadrados na categoria de catedráticos por não possuírem diploma reconhecido pelo Departamento Nacional de Educação (DNE), podendo assim, a qualquer tempo, serem substituídos das funções por determinação do conselho da escola (TORRES, 2015, p.110). No Livro Nº 110 Relatório para Inspeção Federal dos Anos de 1938, diz que “de acordo com o regulamento primitivo, eram professores catedráticos os professores fundadores e aqueles que viessem a ser classificados em primeiro lugar em concurso público. Até o período estudado, eram catedráticos, especialistas nas disciplinas em que atuavam e fundadores da EBAP os seguintes professores:” (...) Heitor da Silva Maia Filho; George Munier; Jaime Oliveira; Nelson Novares; Luiz Mateus Ferreira; Abelardo de Albuquerque Gama; Giacomo Palumbo; (...). (TORRES, 2015).

14 Decreto-Federal n. 23.569 de 11 de dezembro de 1933. Confea. Disponível em: <<http://normativos.confea.org.br/downloads/23569-33.pdf>> Acesso em: 07 jan. 2021

15 THEATRO MODERNO, Diário da Manhã, janeiro de 1932. Ele chegou a funcionar também como cassino.

16 A linguagem do Art Decó foi logo seguida nos edifícios do Cinemas ideal (1932) e Eldorado (1937) ambos projetados por Jorge Martins (SARAIVA, 2013, p.86-87).

17 A PRÓXIMA REABERTURA...Diário da Manhã, 16 de abril 1933.

18 Interessante notar, que alguns anos depois, em 1937, Rino Levi criou solução semelhante para seu projeto do Cine Art Palácio, localizado a duas quadras do Moderno, já no conjunto da Avenida Guararapes.

19 REABRIU,...Diário da Manhã, 7 de junho de 1932.

20 Anterior a ponte Duarte Coelho, a antiga ponte “da Maxambomba”, “da Caxangá”, “da rua do Sol” ou “da estrada de Ferro” inaugurada em 1884 fazia a ligação entre esses dois bairros. Com as inovações significativas no campo do transporte urbano essa ponte tornou-se obsoleta, sendo demolida em 1915. (REYNALDO, 2008)

21 Quando o Diário da Manhã noticia a sociedade “Palumbo e Assis” como a vencedora da concorrência para construção da Ponte Duarte Coelho em 1939, Palumbo já estava no Rio de Janeiro, o que nos leva a acreditar que “Assis” esteja relacionado ao arquiteto Francisco Lopes de Assis e Silva pelo projeto realizado, em mesma época, para o palácio do Governador.

-
- 22** A proposta de “Palumbo e Assis” foi postada do Rio de Janeiro, isso indicava que Palumbo, no início de 1939 já não se encontrava na cidade do Recife.
- 23** Pela descrição realizada pela comissão, verificamos que coincide com a maquete do Plano da Comissão do Plano da cidade de 1938, encontrada no periódico Folha da Manhã, dezembro 1938.
- 24** As primeiras pontes em concreto começam aparecer no início do século XX. Em 1917, já se tinha no Recife, a Ponte Maurício de Nassau reconstruída em concreto armado